

CURITIBA / PEABIRU

1999

Alguns bêbados fazem ponto na frente do Cine Ritz. Andrajosos e inchados, não combinam com os gorros natalinos que trazem à cabeça, num pequeno artifício para sensibilizar quem ainda se aventura pela rua XV, centro maquiado de Curitiba, neste fim da tarde de 24 de dezembro. Passo por esses Papais Noéis de roupas escuras e estropiadas, barbas sujas e olhos vermelhos de cachaça, pensando que eles zombam de nossa pretensão civilizada. Eis a outra cidade, a verdadeira, penso. Como o café ao lado do Cine Ritz está fechado, fico sem saber para onde foi Geraldo Trentini. Combinamos um encontro neste novo endereço na esperança de evitar os chatos — e pensar que já fui um deles — que agora frequentam a Confeitaria Schaffer à caça do escritor recluso. Sem nem parar na frente do café, sigo para a esquina do prédio dos Correios, ainda na rua XV, para logo ver Geraldo, que nos aguarda olhando as publicações em uma banca de revistas. Conversamos ali, enquanto ele folheia um jornal popular, e alguns minutos depois surgem as outras convidadas para o café: Marilena Pereira e uma amiga, Gunda, também jornalista em São Paulo. Decidimos correr o risco de ir para a Schaffer, que não fica muito longe. No caminho, Geraldo já se encanta com Gunda. A loirinha o devolve ao tempo em que estudava alemão. Contrariando seus hábitos, ele se senta de costas para a entrada da confeitaria, tudo para ficar ao lado da jovem. Marilena traz chocolates suíços para o vampiro, ex-viciado nesta guloseima, agora consumidor controlado por conta de um regime médico

imposto ninguém sabe ao certo por qual razão. Falando das gôndolas de chocolate no mercado, ele já fizera, em outra oportunidade, verdadeiro poema de amor. Gosta de doces e não de sangue, e este dado banal revela a índole do vampiro galante.

Nesta tarde, Geraldo saliva cobiçando a pequena loira. Ele está conhecendo a moça neste momento e é só elogios para ela; o corpo de menina, os olhos claros, a voz meiga. Promete livros autografados e não deixa ninguém mais falar.

Por fim, chega R.M. Santos, que não sabia da alteração de destino.

— Como nos descobriu aqui?

— Os bêbados do Ritz me disseram que vocês seguiram para cá.

— Eles me conhecem?

Agora os personagens de Geraldo ocupam o papel de espião, próprio de seus narradores. O vampiro observado por suas criaturas. O autor vivendo dentro de seu livro, numa Curitiba que é só sua, e na qual somos apenas tolerados — mas ainda não sabemos disso.

Pedimos o de sempre. Ele, chá de morango. As meninas, chá de menta. Eu, suco de abacaxi com leite. R.M., uma média. Geraldo recorda episódios distantes, indo e voltando à cidade de sua juventude, em divagações exibicionistas. A presença de mulheres liberta-o da timidez tantas vezes proclamada, razão de seu isolamento quase completo. Neste estado de entrega, as conversas não têm um centro. Ele conta pequenos casos, como se precisasse revelar tudo para Gunda, para que ela se tornasse rapidamente íntima de seu mundo. O vampiro imobilizado pelo desejo, entregue ao outro.

Orgulhoso, recorda que, na década de 1940, escreveu um artigo contra Emiliano Pernetá, príncipe dos poetas paranaenses.

O sobrinho do autor simbolista, militar com fama de bom atirador, com uma morte, tida como acidental, no currículo, manda recado: Emiliano morto mas os parentes bem vivinhos, que o jovem escritor — residente na mesma rua da família de Emiliano — tomasse cuidado.

Geraldo se diverte:

— Tive que mudar meu caminho para desviar do endereço perigoso.

Brincamos: começou aí a mania de se esconder.

Ele ri e acelera a passagem do tempo. Já está tratando de outros episódios. Agora relata uma visita ao Rio, quando acompanha, por todos os lugares, o jornalista e escritor Otto Lara Resende. Depois de passar no banco, seguem para a Academia Brasileira de Letras. Otto tinha que votar para um amigo que concorria a uma vaga entre os imortais. Por diversão e molecagem, apresenta Geraldo como futuro candidato. A cada um que encontra, pede votos para o escritor curitibano, que recebe três entusiasmadas adesões — de Rachel de Queiroz, Affonso Arinos e Antônio Houaiss.

Da candidatura, uma piada do Otto, Geraldo passa a outros assuntos distantes e retorna ao chocolate.

— É um dos poucos presentes de Natal que recebi em toda a minha vida.

Elas se admiram. Geraldo lembra de outros natais, quando ia à casa de seus avós, em Tranqueira, lugarejo nos arredores de Curitiba. A viagem de trem, as paradas nas pequenas estações. Seus olhos brilham, iluminados por este período, e ele se sente mais jovem do que nós.

Fala do passado na tentativa de rejuvenescer. E espantam-se com os relatos as moças que ignoram a biografia secreta do vampiro — um vampiro nunca antes tão compreensivo, levemente histriônico, conquistador. Tudo ele revela; tudo nelas aceita — a ignorância dos fatos e as histórias tão doces quanto o chocolate suíço que ele tem nas mãos.

Celso chega para me servir e cochicha, olhando para Geraldo: é o contraditório. Sai rindo, sem saber que disse algo profundo. O vampiro fala; Gunda ouve. Quanto mais ele rememora o passado, na esperança de ter menos idade do que ela, mais se distancia. Mas não para, palavras e gestos comunicam um desejo incontrolável.

Elas consultam o relógio. Oito horas da noite. Fim das viagens de regresso. Logo estamos na rua, voltando para o Alto da XV, bairro em que desde sempre mora o vampiro. Marilena e Gunda nos beijam e tomam um táxi na frente dos Correios. R.M. e eu acompanhamos o vampiro até o Teatro Guaíra, falando de adaptações de alguns contos seus para o cinema. Depois, sigo sozinho com o escritor. Ao passar por uma casa antiga, de muros altos, ele diz que de vez em quando ouve um galo cantar naquele quintal.

— Faz falta o canto do galo nas minhas manhãs.

Seguimos falando de galo, animal que me devolve ao interior.

— O canto do galo me leva a uma outra Curitiba — ele diz, olhar perdido na noite que começa a descer.

Ficamos em silêncio um instante, cada um ancorado em uma dobra pessoal do tempo.

— Será que consigo gravar o canto do galo?

— Existem gravações para efeitos especiais.

— Vamos procurar uma dessas. Quero colocar no aparelho de som na hora de fazer a barba, para ouvir os galos de minha juventude.

Na frente da Livraria do Chain, nós nos separamos. Ele segue com o pacote de chocolate. Mais tarde, em casa, depois de comer o peixe que a empregada deixou assado, Geraldo vai se deliciar sozinho com aqueles chocolates, talvez pensando nos lábios de Gunda. Talvez ouvindo o som longínquo dos galos.